

Jornal da


SOCIEDADE BRASILEIRA DE  
PSICANÁLISE  
DE PORTO ALEGRE



# Brasileira

## Freud: vida e morte

Descubra o que significava a proximidade da ausência para o pai da psicanálise em uma rara entrevista de 1926.



“EM CERTO SENTIDO,  
PODE-SE DIZER QUE  
TODA A MORTE É UM  
SUICÍDIO DISFARÇADO.”

## Participar é fundamental

Estamos no final de uma gestão. O trabalho tem sido enorme, mas gratificante e crescente, pela participação dos associados nas atividades promovidas. A experiência de fazer parte de uma equipe institucional é enriquecedora, seja pela possibilidade de atualização, seja por colaborar com a Sociedade.

Psicanalisar é analisar o psiquismo. Se na clínica o nosso fazer é analisar o psiquismo, no jornal, é noticiar as atividades desenvolvidas e propor uma reflexão sobre elas. Ambas as situações carregam consigo a expectativa de mudança, de renovação das antigas representações e da construção de novas, a partir da aprendizagem que nos traz a experiência.

Pensamos que a modificação do layout e os temas propostos para este jornal expressam as mudanças atingidas no período de nossa gestão. Agradecemos o apoio e o incentivo da Diretoria, que nos possibilitou realizá-las.

O jornal é o meio de comunicação da Sociedade com as federadas, as universidades, as instituições psicanalíticas, os colegas e, ainda, com a comu-

nidade que participa das atividades culturais.

Como editora, agradeço especialmente ao Gley Costa, pelo incentivo para que eu levasse à frente este jornal; à Lola Rodrigues, pela disponibilidade de trabalhar a qualquer momento e à Paola Manica, que compreendeu, em poucas palavras, o “espírito” editorial.

Pensando em “um sentido da vida”, quero expressar minha gratidão à colega e sempre parceira Adriana Loiferman. O laço que sempre caracterizou nossa amizade estreitou-se com o trabalho ao longo destes dois anos.

Sabemos que as mudanças, para serem verdadeiras, começam de dentro para fora, e assim tentamos concretizá-las. Este jornal é fruto, principalmente, dessa árvore muito antiga chamada amizade.

Foi um prazer. Boa leitura!

*Augusta Gerchmann*

## SBPdePA: discutir, aprender e transmitir psicanálise

Estas palavras são as últimas desta gestão, que encerra seu ciclo no final do ano.

Quando assumimos a Diretoria, expusemos, também neste espaço, nosso principal objetivo: o fortalecimento interno da instituição. Para tanto, buscamos incrementar, em todos os membros, o entusiasmo pela Brasileira. Procuramos estimular a ideia de pertencimento, de forma que cada membro sentisse a Sociedade como a sua casa, como um lugar em que pudesse estudar, trocar ideias, discutir, aprender e transmitir psicanálise, enfim, buscamos promover a liberdade de expressão, que é condição para a criatividade.

Ao longo desses dois anos, pudemos constatar que muito avançamos no sentido desses objetivos.

No Instituto, foram realizados importantes debates sobre a formação, o programa de seminários e os critérios de avaliação, sem falar do início de nossa tão almejada formação de infância e adolescência.

A Comissão Científica, além de preservar o que já vinha sendo realizado, inovou, desenvolvendo atividades conjuntas com instituições locais e promovendo a nossa jornada interna em Canela, no ano passado – pela primeira vez fora de nossa sede. Destaco também a visita do ilustre Vincenzo Bonaminio, convidado de honra para a jornada deste ano.

A mudança do logotipo e do formato da revista e do jornal, mediante laborioso e refinado processo criativo, buscou sintetizar simbolicamente a proposta da Brasileira, atendendo a esse trabalho de fortalecimento da identidade institucional.

Nosso jornal, neste número, já renovado em sua forma e conteúdo, noticia os principais feitos da Brasileira, por todas as comissões, nos últimos dois anos.

Jornal da  
**Brasileira**

Orgão de Divulgação da  
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre,  
fundada em 1992.

Rua Quintino Bocaiúva, 1362  
CEP 90440-050 – Porto Alegre – RS – Brasil  
Tel./Fax 55 51 3330-3845 | 3333-6857

[www.sbpdepa.org.br](http://www.sbpdepa.org.br) | [sbpdepa@sbpdepa.org.br](mailto:sbpdepa@sbpdepa.org.br)

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPPA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

### DIRETORIA

PRESIDENTE: Dr. Lores Pedro Meller  
SECRETÁRIO: Dr. Renato Trachtenberg  
TESOUREIRO: Dra. Heloísa Fetter  
COMISSÃO CIENTÍFICA: Dr. Celso Halperin  
COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES, DIVULGAÇÃO  
E INFORMÁTICA: Dr. Gley Silva de Pacheco Costa  
COMISSÃO DE RELAÇÕES COM A COMUNIDADE:  
Dr. José Ricardo P. de Abreu  
COMISSÃO DO CENTRO DE ATENDIMENTO  
PSICANALÍTICO: Dra. Caroline Milman

### INSTITUTO DE PSICANÁLISE

DIRETOR: Dr. Julio Campos  
SECRETÁRIO: Dr. Fernando Kunzler  
SUBCOMISSÃO DE FORMAÇÃO: Dr. Gildo Katz  
SUBCOMISSÃO DE SEMINÁRIOS:  
Dr. Ignácio Alves Paim Filho

### NÚCLEOS

INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA:  
Dra. Mayra Lorenzoni  
VÍNCULOS E TRANSMISSÃO GERACIONAL:  
Dra. Cynara Cezar Kopittke  
PESQUISA EM PSICANÁLISE: Dra. Gilda Maria Fogaça Soares  
NÚCLEO PSICANALÍTICO DE FLORIANÓPOLIS:  
Dr. Márcio José Dal-Bó

MEMBRO HONORÁRIO: Dr. David Zimmermann

### JORNAL DA BRASILEIRA

EDITOR: Dra. Augusta Gerchmann  
CONSELHO EDITORIAL: Dra. Adriana Loiferman  
e Dr. Gley Costa

JORNALISTA RESPONSÁVEL: Lola Rodrigues Mtb 6631

PROJETO GRÁFICO: Paola Bulcão Manica

SECRETÁRIA: Roberta Cornelly

EXECUÇÃO GRÁFICA: Edelbra Ltda. (TIRAGEM: 2.000 exemplares)



## À Vera Chem

Augusta Gerchmann  
Luciana Saraiva Schmal

A vida começa, se renova e tem um fim; com esta última etapa, no entanto, não sabemos lidar integralmente. Ficamos apenas submetidos às suas dores.

Ao mesmo tempo em que contávamos para esta edição com um artigo sobre o sentido da vida, escrito por uma colega, fomos surpreendidos pela triste notícia de que a vida havia sido arrancada da nossa querida Vera Chem, juntamente com seu marido Roberto e a filha Letícia.

No mês anterior, dia 25 de abril, brindávamos à apresentação de seu trabalho: "As vicissitudes do processo de desidentificação a partir do luto patológico materno", com o qual obteve a promoção à categoria de Membro Titular na Sociedade Brasileira. Esse foi um dos legados que ela nos deixou, envolvida que era com os vínculos e a transgeracionalidade.

Ironicamente, hoje vivemos nós esse luto, convivemos com a dor, com a saudade que sua morte nos provocou. Isso porque queriam comemorar as conquistas profissionais de ambos, realizando uma viagem com a filha,



que também se desenvolvia profissionalmente no Rio de Janeiro, antes do nascimento do terceiro neto.

Diante de nós vem a dura realidade da nossa vulnerabilidade, do acaso que nos fragiliza – "a coisa" que a psicanálise não explica, podendo tão somente tentar nos confortar. Não temos, sobretudo, como representar e simbolizar a morte, somente aquilo que vivemos. E, infelizmente, desse sentimento de perda não podemos nos "livrar" via repressão.

Assim, o último jornal desta gestão nos convoca a lembrar a serenidade, a simplicidade e a amizade que ela nos transmitiu com sua participação, seja na vida pessoal de alguns, seja na vida profissional de todos, em nossa instituição. Foi difícil retirar seu nome da porta da sala em que ministrava seminários e trabalhava com os grupos de vínculos, bem como segue difícil pensar que ela não vai chegar anunciando o nascimento do Gustavo. Sua ausência se fará presente também na jornada, uma vez que participava de sua organização.

Buscando uma despedida e também uma homenagem, foi organizada uma cerimônia, com a colocação de uma placa no jardim da nossa sede e o plantio de uma árvore "primavera". Durante o seu desenrolar, foi lida a poesia de Mário Quintana:

### PARECE UM SONHO

*"Parece um sonho que ela tenha morrido!" diziam todos... Sua viva imagem*

*tinha carne! ... E ouvia-se, na aragem, passar o frêmito do seu vestido*

*E era como se ela houvesse partido*

*E logo fosse regressar da viagem*

*- até que em nosso coração dolorido*

*a Dor cravava o seu punhal selvagem!*

*Mas tua imagem, nosso amor, é agora menos dos olhos, mais do coração*

*Nossa saudade te sorri: não chora*

*Mais perto estás de Deus, como um anjo querido. E ao relembrar-te a gente diz, então:*

*"Parece um sonho que ela tenha vivido!"*

Esperamos que o tempo nos ajude a lidar com a saudade...

Digna de nota é a entrevista com Freud: uma jóia que se acreditava perdida, publicada neste exemplar. Nela, nos emocionamos com um Freud dotado de uma dimensão humana insuspeita, habitando, com a simplicidade e humildade dos sábios, a provecta idade de setenta anos.

Para finalizar, meu maior e mais profundo agradecimento aos colegas da Diretoria, que realmente levaram adiante os projetos e conduziram com tanta seriedade os destinos da Sociedade.

E a toda a comunidade da Brasileira meu muito obrigado por terem aceitado, com tanta vitalidade, a proposta de envolver-se e entusiasmar-se com as atividades da nossa casa.

Lores Pedro Meller



## Avaliação e novos seminários

Uma vez que o Instituto tem por função precípua um fluido fluxo científico, a atual gestão implementou, com êxito, algumas medidas ao longo dos anos de 2008 e 2009. Uma das mais importantes foi a possibilidade de a publicação e o ajuste da grade de seminários ocorrerem no semestre anterior, de modo tal que todos possam organizar seus horários em tempo hábil e oportuno. Fruto do mesmo empenho, também se implementou a organização dos procedimentos normais e repetitivos, como o início e o fim dos períodos dos seminários e a standardização dos processos burocráticos.

Além disso, resultado de uma intencional campanha de valorização dos nossos membros, tomaram-se duas medidas que repercutiram de forma muito positiva. De um lado, o oferecimento, aos membros em formação, da possibilidade de organizarem a aula inaugural do ano letivo, podendo, para isso, destacar seus próprios integrantes criativos. De outro, a inclusão, no programa de estudos, do seminário intitulado “Prata da Casa”, no qual os colegas coordenadores têm a oportunidade de expor, sancionados pelo Instituto, sua produção teórica, suas ideias originais e sua filosofia psicanalítica.

Também foi iniciado um trabalho de revisão, organização e compaginação dos distintos programas e bibliografias de todos os seminários.

Entre tantas ações, o mais importante marco deste biênio foi, sem dúvida, o início de nossa formação para psicanalistas de crianças e adolescentes – fato comemorado pela instituição com muito entusiasmo, representando a culminância de um processo de muitos anos, que teve início no NIA e que envolveu um número expressivo de colegas ao longo de várias gestões.

A atual gestão prepara-se para encerrar suas tarefas, festejando o enriquecimento da Sociedade com a conclusão da formação de onze colegas: Adriana Ampezzan, Jussara Pecis Lerrer, Thaís Feistauer Starling, Vanéli Karine Closs Ribas, Silvia Brandão Skowronsky, Rosalda Iturbide Puiatti, Aline Pinto da Silva, Maria Tereza Corrêa Borba, Claudia Kowarick Halperin, Magda Beatriz Martins Costa e Janaína Tavares, e também a chegada de novos Membros do Instituto: Alexandre Antunes, Christiane Paixão, Cibele Fleck, Jeanete Sacchet, Kellen Gurgel Anchieta, Luciana Schmal, Maria Isabel Pacheco, Patrícia Mazon, Rodrigo Boettcher, Rosa Dal-Bó e Tamara Barcelos.

## Associação dos Membros do Instituto atua em várias frentes

“Promover maior participação de todos tem sido uma das metas da Associação dos Membros, pois se trata de uma oportunidade de fazer parte da vida intensa e dinâmica da instituição”, avalia entusiasmada a presidente Luciana Saraiva Schmal.

É nas reuniões mensais com os Membros do Instituto que são deliberados, entre outros assuntos, questões referentes à formação analítica e à busca de uma integração entre os colegas, o Instituto e a Diretoria. “Na primeira reunião deste semestre, aproveitamos para dar boas-vindas às novas colegas Kellen Gurgel Anchieta e Tamara Barcelos Jansen Ferreira”, comenta Luciana.

Além de atividades de estudos, ocorreu a Oficina de Escrita com a Professora Léa Masina. Também foram promovidas algumas festividades, como a Festa Junina e outros jantares.

“Em conjunto com os colegas, participamos da comissão organizadora da Jornada anual e planejamos um momento exclusivo com o convidado Vincenzo Bonaminio. Acreditamos que será um rico encontro com muitas trocas”, finaliza.

## Revista Psicanálise de cara nova

As mudanças da capa e da programação gráfica da Revista, juntamente com o logo da Sociedade, resultaram de uma reflexão a respeito de quem somos e do que fazemos; portanto, da nossa identidade, captada e representada graficamente pela talentosa designer Paola Manica. De acordo com suas palavras, “abandonamos as formas geométricas e trouxemos humanidade às letras. Elas agora são translúcidas, representando uma permissão para investigar, e sobrepõem-se, criando momentos de cor diferenciada – uma referência à colaboração entre os membros da Sociedade em seus afazeres científicos e sociais, assim como à dinâmica paciente/analista numa sessão”. Esperamos ter atingido nosso objetivo, sem desconhecer que toda mudança é arriscada, sofre resistências e leva um tempo para ser aceita. Por tudo isso, não poderíamos deixar de expressar nosso reconhecimento e nossa gratidão pela confiança que nos depositou a Diretoria e pela inestimável colaboração das colegas da Comissão Editorial: Carmen Lúcia M. Moussalle, Carmen Saile Willrich, Helena Surreaux, Rosa Beatriz Santoro Squeff e Ananda Feix Ribeiro.

Neste número, estamos publicando os artigos de Alexandre Kahtalian, Ana Cláudia Santos Meira, Ana Maria Andrade de Azevedo, Ana Maria Stucchi Vannucchi e Neyla Regina de Ávila F. França, Carmen Médici de Steiner, David Léó Levisky, Gildo Katz, Ignácio Alves Paim Filho, Joanna Wilhelm, Maria Sílvia Regadas Moraes Valladares, Ricardo Avenburg, Roberto Graña, do Núcleo de Vínculos e Transmissão Geracional da SBPdePA, as conferências de Marcelo N. Viñar e Vincenzo Bonaminio, a resenha de David Rosenfeld e Susan Rogers, além de um manuscrito inédito de Freud.



## Pluralidade é marca da agenda

Muitas atividades foram desenvolvidas para a comunidade, como as exposições do filme “O Labirinto do Fauno” e do documentário “Entre os Muros da Escola”, seguidas de debate.

Os já consagrados Grupos de Estudos Psicanalíticos tiveram seguimento com os temas “Estudos Avançados sobre Vínculos e Transmissão Psíquica”, “Introdução aos Grandes Pensadores da Psicanálise de Crianças e Adolescentes”, “O Desejo e o Sujeito do Inconsciente”, “Prática Psicanalítica e Psicoterapêutica na Cultura Moderna” e “Adolescência e Adolescências na Clínica Psicanalítica Contemporânea”.

Tendo como público-alvo médicos, psiquiatras e psicólogos, os Seminários Clínicos abordaram temas como “O Homem dos Lobos e Reanálise”, “Casos Clínicos de Crianças - Desenvolvimento Normal e Psicopatologia”, “Thomas Ogden, Teoria e Clínica” e “Estudo de Casos Clínicos”.

Realizado em parceria com a UniRitter, o Curso de Pós-graduação Psicanálise e Educação é destinado a psicólogos, pedagogos, professores e demais profissionais das áreas humanas. Está no final do segundo de três semestres previstos e mantém excelente nível de permanência de alunos e desenvolvimento satisfatório dos objetivos previstos, conforme avaliações realizadas com a UniRitter – o que mantém o interesse pela parceria para uma segunda edição.

## Iniciativa SBPdePA/UniRitter é reconhecida pela IPA

O DPPT (*Developing Psychoanalytic Practice and Training*), Programa da IPA para incentivar iniciativas de ensino, aceitou plenamente o relatório final apresentado pela Comissão de Relações com a Comunidade sobre a parceria no Curso de Pós-Graduação Lato Sensu Psicanálise e Educação entre a SBPdePA e a UniRitter.

“A carta confirmando o recebimento e a aceitação plena do relatório final DPPT alegra-nos muito”, comenta o coordenador da Comissão de Relações com a Comunidade, José Ricardo Pinto de Abreu. Além da confirmação dos valores em dinheiro que serão recebidos como incentivo, o grupo foi convidado a produzir um texto para o site da IPA, a fim de que analistas de outros países possam tomar conhecimento dessa experiência.

## Dois anos de intensa produção científica

Com o intuito de atender aos mais variados interesses da psicanálise, nos últimos dois anos a SBPdePA desenvolveu vários eixos de atividades científicas. Além de discussões clínicas, denominadas “Psicanálise à Brasileira”, e apresentações de trabalhos, foi dada grande ênfase às atividades conjuntas, tanto entre os diversos núcleos e grupos de estudo da SBPdePA como com outras instituições “psi”. Assim, tivemos apoiando ou coparticipando de encontros científicos que tiveram o mérito não só de propor um debate sobre variados temas da psicanálise como de promover produtivo intercâmbio científico e uma agradável convivência com colegas das mais variadas concepções teóricas e clínicas. Entre as primeiras, podemos citar as atividades realizadas com o Grupo de Estudos Espaço Potencial, com o Núcleo de Vínculos e Transmissão Geracional, com o Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP), com a Revista Psicanálise e com a Associação de Membros do Instituto. Entre as segundas, representando uma marca deste período, realizamos importante atividade científica em parceria com a SPPA e com a SPPel, quando da visita do Dr. Stephano Bolognini, outra vez com a SPPA, numa atividade clínica promovida pela IPA, assim como com a Associação de Psiquiatria do RS, com o Instituto Wilfred Bion, com o Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA), com o Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e da Adolescência (CEAPIA), com o Contemporâneo Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade, com a Fundação Universitária Mario Martins e com a Sociedade de Psicologia do RS.

Através da visita de colegas de instituições de fora do estado e do Brasil, tivemos a oportunidade de observar novos modelos psicanalíticos, teóricos e clínicos,

assim como nos permitimos ser observados na nossa forma de trabalhar, mediante a realização de mesas-redondas e supervisões coletivas. Nesse sentido, foram muito proveitosas as visitas de Raquel Zak de Goldstein (APA), Arnaldo Chuster (APERJ-Rio 4), Sonia Kleiman (APdeBA), Ignácio Gerber (SBPSP) e Myrta Casas de Pereda (APU).

Também demos continuidade à nossa já tradicional atividade científica, realizada mensalmente no auditório da Livraria Cultura, denominada “A Brasileira na Cultura”. Nesses dois anos, correspondendo a sexta e sétima edições desse encontro, promovemos os “Diálogos Contemporâneos sobre a Sexualidade”, com a participação de cerca de sessenta debatedores, sendo aproximadamente metade formada por profissionais e estudiosos convidados de diversas áreas e metade formada por membros da Sociedade e do Instituto da SBPdePA. O auditório, permanentemente lotado, e a satisfação dos debatedores evidenciam a pertinência do modelo adotado, permitindo a circulação de idéias em um tom livre e informal.

Finalmente, nos próximos dias 20 e 21 de novembro, realizaremos a VIII Jornada da SBPdePA, com a participação dos psicanalistas Vincenzo Bonamíno, de Roma, e Leopoldo Nosek, de São Paulo.



Casa cheia nos encontros  
da SBPdePA na Livraria Cultura



## Novos dados

No segundo semestre, o Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP) deu seguimento a suas reuniões regulares mensais, com discussão de casos clínicos e de outros assuntos referentes ao seu funcionamento e à clínica psicanalítica, de modo geral, assim como continuou recebendo pacientes para tratamento analítico.

Segundo a coordenadora do CAP, Caroline Milman, além das atividades regulares, o Centro realizou uma reunião científica, no dia 03 de outubro, intitulada “Uma, três, duas ou quarto? Indicação, demanda e desejo na frequência de análise – modelo atual de funcionamento do CAP e suas implicações”.

“Além de apresentar o CAP, esse trabalho teve como principal objetivo discutir a questão da frequência associada a um Centro de Atendimento Psicanalítico como o nosso”, explica Caroline Milman.

“Como o Centro não realiza a triagem de pacientes somente para alta frequência, pensamos que se faz necessário e oportuno justificar este modelo”, esclarece. E continua: “Desse modo, foram apresentadas três vinhetas clínicas, cada uma com um formato diferente em relação à frequência inicial, e como esses casos resultaram ou não em análise”. Também foram apresentados gráficos da clientela com informações relevantes, tais como idade, gênero e fontes de encaminhamento.

Entre os dados, constatou-se que a maioria dos pacientes pertence ao sexo feminino, na faixa etária de 20 a 30 anos, e a principal fonte de encaminhamento é o site da Brasileira; outras informações, como profissão e escolaridade, passarão a ser coletadas a partir de agora para uso em pesquisa.

“Dessa forma, podemos observar que o CAP não funciona apenas como uma lista de analistas que recebem pacientes, mas se constitui num verdadeiro grupo de trabalho, um espaço pulsante de permanente discussão clínica e motivações científicas”, conclui Caroline Milman.

## A obra de Freud em foco

Além de dar continuidade aos estudos sobre a obra do Freud que iniciaram no mês de maio, o Núcleo Psicanalítico de Florianópolis realizou, no dia 24 de outubro, em conjunto com a SBPdePA, duas atividades. Pela manhã, aberta ao público, sobre psicanálise e cinema. O filme exibido foi “Os delírios de consumo de Becky Bloom”. Após, houve uma discussão com os debatedores Caroline Milman e Márcio J. Dal-Bó. À tarde, dirigidos aos integrantes do Núcleo, foram realizados uma supervisão coletiva de caso e seminários, coordenados por Caroline Milman, sobre o tema Compulsão.

Nos dias 13 e 14 de novembro, em conjunto com o Núcleo Psicanalítico de Santa Catarina e organizada pelas SBPdePA, SPPA e FEBRAPSI, o NPF copromoverá a I Jornada Integrada dos Núcleos Psicanalíticos de Florianópolis e de Santa Catarina, que terá como tema O Medo. O evento ocorrerá no Hotel Mercure Itacorubi, e informações podem ser adquiridas pelo telefone (21) 2235.5922 ou pelo site [www.febrapsi.org.br](http://www.febrapsi.org.br).

## Programação:

### 13/11

#### 16-18h | Cursos

O envelhecimento e seu impacto nas relações de família – Maria Aparecida Q. Nicoletti (SBPSP)

Patologias Boderlines – Sérgio Nick (SBPRJ)

#### 19h | Abertura | Conferência: O medo nosso de cada dia

Conferencista: Cláudio L. Eizirik (SPPA)

Coordenador: Cláudio Rossi (Presidente da Febrapsi)

### 14/11

**8h30min | Mesa-redonda:** Compreensão psicanalítica dos Medos

Apresentadores: Lores Meller (SBPdePA), Sérgio Nick (SBPRJ) e Gleda B. de Araújo (SPMS)

Coordenador: Sérgio Lewkowicz (SPPA)

## Grandes pensadores

Sob a coordenação de Astrid Ribeiro, Mayra Lorenzoni e Vera Mello, no mês de outubro o Núcleo de Infância e Adolescência (NIA) concluiu o primeiro módulo de estudos sobre Os Grandes Pensadores da Psicanálise da Infância.

O estudo, que teve início em abril e contou com a participação expressiva de profissionais da área “psi” e afins, aprofundou-se no desenvolvimento dos aportes teóricos, técnicos e clínicos de Anna Freud, Melanie Klein e Donald Winnicott. Ficou refletido no entusiasmo do grupo o desejo de participar de um novo módulo sobre autores contemporâneos.

#### 10h30min | Mesa-redonda: Clínica psicanalítica dos medos

Apresentadores: Viviane Mondrzak (SPPA), Ana Paula T. Machado (SBPdePA) e Cintia X. de Albuquerque (SBP)

Coordenador: Ana Michels (NPSC/SPPA)

#### 14h | Mesa-redonda: De onde vêm e o que fazer com os Medos

Apresentadores: Rosa Reis (SPRJ), Cláudio Rossi (Presidente da Febrapsi)

Coordenador: Márcio J. Dal-Bó (NPF/SBPdePA)

#### 16h | Encerramento

Claudio Rossi (Presidente da Febrapsi)

Sérgio Lewkowicz (Presidente da SPPA)

Lores Meller (Presidente da SBPdePA)

## Um sentido a mais para a vida

Silvia Katz

O sentido da vida com frequência é tema de questionamento.

Nesses momentos, a tendência é buscar uma resposta, uma compreensão, e as fontes são diversas: os mais sábios, os livros, passar por experiências, entre outras.

Recentemente, o biólogo Richard Dawkins concedeu uma entrevista durante sua estada na FLIP (Paraty) que a TV registrou (Globo News, agosto de 2009), intitulada “Criacionismo e evolucionismo”, e foi questionado pelo entrevistador sobre o sentido da vida, já que “sendo um cientista não acreditaria em outra vida”. Dawkins afirmou que, “do ponto de vista científico, o propósito da vida é a propagação do DNA”, tema de seu primeiro livro, “O Gene Egoísta”; entretanto, do ponto de vista individual, disse saber que “cada pessoa tem seu próprio propósito de vida e vive, em maior ou menor escala, de acordo com este propósito, que pode ser o de escrever um grande livro, de compor uma sinfonia, de ganhar uma partida de futebol, de criar filhos com saúde e felicidade. Acrescentou que acha melhor que as pessoas criem seus próprios projetos, pois esta é a única vida que temos, e acreditar nisso é a chance que temos de aprimorar nossa visão de mundo, podendo valorizar, levar a sério e aproveitar plenamente o imenso privilégio de estar vivo”.

“Criar filhos com saúde e felicidade” é um propósito muito freqüente entre as pessoas “comuns”.

Em uma passagem da entrevista de Freud concedida a G. S. Viereck, este lhe pergunta: ‘Não significa nada o fato de que seu nome vai viver?’ e ele respondeu: ‘Absolutamente nada, mesmo que ele viva, o que não é certo. Estou bem mais preocupado com o destino de meus filhos. Espero que suas vidas não venham a ser difíceis. Não posso ajudá-los muito... A guerra pratica-

mente liquidou com minhas posses, o que havia poupado durante a vida. Mas posso me dar por satisfeito. O trabalho é minha fortuna.’

Parece uma resposta estranha por ser tratar de um homem que dedicou sua vida à investigação da mente e que revolucionou o pensamento humano do século XX. Para a maioria dos homens, que não têm a genialidade de Freud, uma maneira de fazer seu nome viver após a morte tem sido através dos filhos, e por isso, ter filhos e criá-los sempre foi um projeto importante de vida, e um alvo e uma fonte de afeto, e também de apoio para conviver com as incertezas da vida e com a certeza da morte. Como Freud expõe em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (S.E. vol. XIV), os filhos “concretizarão os sonhos dourados que os pais jamais realizaram”, complementando: “no ponto mais sensível do sistema narcisista, a imortalidade do ego, tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio na criança”.

Nos últimos anos, o narcisismo tem encontrado outras formas de se nutrir, na medida em que os pais se frustram porque os filhos são cada vez menos o que eles queriam que fossem, e também porque as famílias estão mudando.

Então, o que ocorre?

Em muitos lares, os filhos estão sendo substituídos pelos cães.

Um fenômeno atual: as pesquisas de comportamento revelam que os cães de estimação são vistos como filhos ou irmãos nos lares em que vivem, ou seja, os cachorros estão se tornando cada vez mais uma fonte de apoio para os humanos e, ao mesmo tempo, um elo que permite ao homem moderno manter uma conexão mínima com a natureza, com a vida. Eles passaram a ocupar um espaço importante entre as pessoas que vivem sozinhas, bem como entre as famílias encolhidas, ou as que demoram em ter filhos, ou as que não desejam ter filhos. E a ciência diz que isso faz todo o sentido, porque eles despertam quase tanto amor e

carinho quanto um bebê, substituindo o amor incondicional dos pais pelos filhos. Além disso, os cães são capazes de interpretar gestos e sinais humanos, entendendo bem o que eles significam, imitam as ações humanas, podem ser treinados e adoram ter alguém que lhes diga o que fazer.

Freud, em sua entrevista sobre o valor da vida, também comenta que “prefere a companhia dos animais à companhia humana, justificando que considera “muito mais agradáveis as emoções simples e diretas de um cão, ao balançar a cauda ou ao latir expressando seu desprazer”.

A relação entre os humanos e os cães domesticados iniciou entre 25.000 e 50.000 atrás, entretanto, essa afeição cresceu exponencialmente nos últimos anos.

Estima-se que no Brasil haja 32 milhões de cães, população que só perde para a existente nos Estados Unidos, e que em cidades como Porto Alegre, já figurem em mais da metade das casas.

O cão, tal como se encontra hoje, é fruto do boom de criação do século XIX; é uma criatura que o homem inventou, aperfeiçoou e moldou à sua imagem e semelhança. O narcisismo humano está fazendo isso com os cães, tornando-os cada vez “mais perfeitos”, assim como a religião criou um homem à imagem e semelhança de Deus, ou seja, um Deus à imagem e semelhança do homem.

Os cães estão ajudando muitas pessoas, e assim continuará a ser; sempre surgirão novas motivações a serem adicionadas às já existentes para que as pessoas encontrem um sentido a mais à sua vida.

Entre as preciosidades encontradas na biblioteca da Sociedade Sigmund Freud está esta entrevista. Foi concedida ao jornalista americano George Sylvester Viereck, em 1926. Deve ter sido publicada na imprensa americana da época. Acreditava-se que estivesse perdida, quando o Boletim da “Sigmund Freud House” publicou uma versão condensada, em 1976. Na verdade, o texto integral havia sido publicado no volume *Psychoanalysis and the Future*, número especial do “Journal of Psychology”, de Nova Iorque, em 1957. É este texto que aqui reproduzimos, provavelmente pela primeira vez em português.

# O valor da vida

## [uma entrevista rara com]

Setenta anos ensinaram-me a aceitar a vida com serena humildade.

Quem fala é o professor Sigmund Freud, o grande explorador da alma. O cenário da nossa conversa foi uma casa de verão no Semmering, uma montanha nos Alpes austríacos.

Eu havia visto o pai da psicanálise pela última vez em sua casa modesta na capital austríaca. Os poucos anos entre minha última visita e a atual, multiplicaram as rugas na sua fronte. Intensificaram a sua palidez de sábio. Sua face estava tensa, como se sentisse dor. Sua mente estava alerta, seu espírito firme, sua cortesia impecável como sempre, mas um ligeiro impedimento da fala me perturbou.

Parece que o tumor maligno no maxilar superior necessitou ser operado. Desde então Freud usa uma prótese, para ele uma causa de constante irritação.

– Detesto o meu maxilar mecânico, porque a luta com o aparelho me consome tanta energia preciosa. Mas prefiro ele a maxilar nenhum. Ainda prefiro a existência à extinção.

Talvez os deuses sejam gentis conosco, tornando a vida mais desagradável à medida que envelhecemos. Por fim, a morte nos parece menos intolerável do que os fardos que carregamos.

Freud se recusa a admitir que o destino lhe reserva algo especial.

– Por que (disse calmamente) deveria

eu esperar um tratamento especial? A velhice, com suas agruras, chega para todos. Eu não me rebelo contra a ordem universal. Afinal, mais de setenta anos. Tive o bastante para comer. Apreciei muitas coisas – a companhia de minha mulher, meus filhos, o pôr-do-sol. Observei as plantas crescerem na primavera. De vez em quando tive uma mão amiga para apertar. Vez ou outra encontrei um ser humano que quase me compreendeu. Que mais posso querer?

– O senhor teve a fama, disse eu. Sua obra influi na literatura de cada país. O homem olha a vida e a si mesmo com outros olhos, por causa do senhor. Recentemente, no seu septuagésimo aniversário, o mundo se uniu para homenageá-lo – com exceção da sua Universidade.

– Se a Universidade de Viena me demonstrasse reconhecimento, eu ficaria embaraçado. Não há razão em aceitar a mim e a minha obra porque tenho setenta anos. Eu não atribuo importância insensata aos decimais.

A fama chega apenas quando morremos e, francamente, o que vem depois não me interessa. Não aspiro à glória póstuma. Minha modéstia não é virtude.

– Não significa nada o fato de que o seu nome vai viver?

– Absolutamente nada, mesmo que ele viva, o que não é certo. Estou bem mais preocupado com o destino de meus filhos. Espero que suas vidas não venham

a ser difíceis. Não posso ajudá-los muito. A guerra praticamente liquidou com minhas posses, o que havia poupado durante a vida. Mas posso me dar por satisfeito. O trabalho é minha fortuna.

Estávamos subindo e descendo uma pequena trilha no jardim da casa. Freud acariciou ternamente um arbusto que florescia.

– Estou muito mais interessado neste botão do que no que possa me acontecer depois que estiver morto.

– Então o senhor é, afinal, um profundo pessimista?

– Não, não sou. Não permito que nenhuma reflexão filosófica estrague a minha fruição das coisas simples da vida.

– O senhor acredita na persistência da personalidade após a morte, de alguma forma que seja?

– Não penso nisso. Tudo o que vive perece. Por que deveria o homem constituir uma exceção?

– Gostaria de retornar em alguma forma, de ser resgatado do pó? O senhor não tem, em outras palavras, desejo de imortalidade?

– Sinceramente não. Se a gente reconhece os motivos egoístas por trás da conduta humana, não tem o mínimo desejo de voltar à vida. Movendo-se num círculo, seria ainda a mesma.

Além disso, mesmo se o eterno retorno das coisas, para usar a expressão de



# com Freud]

Nietzsche, nos dotasse novamente do nosso invólucro carnal, para que serviria, sem memória? Não haveria elo entre passado e futuro.

No que me toca, estou perfeitamente satisfeito em saber que o eterno aborrecimento de viver finalmente passará. Nossa vida é necessariamente uma série de compromissos, uma luta interminável entre o ego e seu ambiente. O desejo de prolongar a vida excessivamente me parece absurdo.

– Bernard Shaw sustenta que vivemos muito pouco. Ele acha que o homem

pode prolongar a vida se assim desejar, levando sua vontade a atuar sobre as forças da evolução. Ele crê que a humanidade pode reaver a longevidade dos patriarcas.

– É possível que a morte em si não seja uma necessidade biológica. Talvez morramos porque desejamos morrer.

Assim como amor e ódio por uma pessoa habitam em nosso peito ao mesmo tempo, assim também toda a vida conjuga o desejo de manter-se e o desejo da própria destruição.

Do mesmo modo como um pequeno elástico esticado tende a assumir a forma original, assim também toda a matéria viva, consciente ou inconscientemente, busca readquirir a completa, a absoluta inércia da existência inorgânica. O impulso de vida e os impulsos de morte habitam lado a lado dentro de nós.

A Morte é a companheira do Amor. Juntos eles regem o mundo. Isto é o que diz o meu livro: “*Além do Princípio do Prazer*”.

No começo, a psicanálise, supôs que o Amor tinha toda a importância. Agora sabemos que a Morte é igualmente importante.

Biologicamente, todo ser vivo, não importa quão intensamente a vida queime dentro dele, anseia pelo Nirvana, pela cessação da “febre chamada viver”, anseia pelo seio de Abraão. O desejo pode ser encoberto por digressões. Não obstante, o objetivo derradeiro da vida é a sua própria extinção.

– Isto, exclamei, é a filosofia da autodestruição. Ela justifica o auto-extermínio. Levaria logicamente ao suicídio universal imaginado por Eduard von Hartmann.

– A humanidade não escolhe o suicídio porque a lei do seu ser desaprova a via direta para o seu fim. A vida tem que completar o seu ciclo de existência. Em todo ser normal, a pulsão de vida é forte o bastante para contrabalançar a pulsão de morte, embora no final resulte mais a forte.

Podemos entreter a fantasia de que a Morte nos vem por nossa própria vontade. Seria mais possível que pudéssemos vencer a Morte, não fosse por seu aliado dentro de nós. Neste sentido (acrescentou Freud com um sorriso) pode ser justificado dizer que toda a morte é suicídio disfarçado.

Estava ficando frio no jardim. Prosseguiamos a conversa no gabinete. Vi uma pilha de manuscritos sobre a mesa, com a caligrafia clara de Freud.

– Em que o senhor está trabalhando?

– Estou escrevendo uma defesa da análise leiga, da psicanálise praticada por leigos. Os doutores querem tornar a análise ilegal para os não médicos. A História, essa velha plagiadora, repete-se após cada descoberta. Os doutores combatem cada nova verdade no começo. Depois procuram monopolizá-la.

– O senhor teve muito apoio dos leigos?

– Alguns dos meus melhores discípulos são leigos.

– O senhor está praticando muito psicanálise?

– Certamente. Neste momento estou trabalhando num caso muito difícil, tentando desatar os conflitos psíquicos de um interessante novo paciente. Minha filha também é psicanalista, como você vê ...

Neste ponto apareceu Miss Anna Freud, acompanhada por seu paciente, um garoto de onze anos, de feições inconfundivelmente anglo-saxônica.

– O senhor já analisou a si mesmo?

– Certamente. O psicanalista deve constantemente analisar a si mesmo. Analisando a nós mesmos, ficamos

mais capacitados a analisar os outros.

O psicanalista é como o bode expiatório dos hebreus. Os outros descarregam seus pecados sobre ele. Ele deve praticar sua arte à perfeição para desvencilhar-se do fardo jogado sobre ele.

– Minha impressão é de que a psicanálise desperta em todos que a praticam o espírito da caridade cristã. Nada existe na vida humana que a psicanálise não possa nos fazer compreender. “*Tout comprec'est tout pardonner*”.

– Pelo contrário (esbravejou Freud – suas feições mudaram, assumindo a severidade de um profeta hebreu), compreender tudo não é perdoar tudo. A análise nos ensina não apenas o que podemos suportar, mas também o que podemos evitar. Ela nos diz o que deve ser eliminado. A tolerância com o mal não é de maneira alguma um corolário do conhecimento.

Compreendi subitamente porque Freud havia litigado com os seguidores que o haviam abandonado, porque ele não perdoa a sua dissensão do caminho reto da ortodoxia psicanalítica. Seu senso do que é direito é herança dos seus ancestrais. Uma herança de que ele se orgulha como se orgulha de sua raça.

– Minha língua é o alemão. Minha cultura, minha realização é alemã. Eu me considero um intelectual alemão, até perceber o crescimento do preconceito anti-semita na Alemanha e na Áustria. Desde então prefiro me considerar judeu.

Fiquei algo desapontado com esta observação.

Parecia-me que o espírito de Freud deveria habitar nas alturas, além de qualquer preconceito de raças, que ele deveria ser imune a qualquer rancor pessoal. No entanto, precisamente a sua indignação, a sua honesta ira, tornava-o mais atraente como ser humano.

Aquiles seria intolerável, não fosse por seu calcanhar!

– Fico contente, Herr Professor, de que também o senhor tenha seus complexos, de que também o senhor demonstre que é um mortal!

– Nossos complexos são a fonte de nossa fraqueza, mas com freqüência, são

também a fonte de nossa força.

– Imagino, observei, quais seriam os meus complexos!

– Uma análise séria dura ao menos um ano. Pode durar mesmo dois ou três anos. Você está dedicando muitos anos de sua vida à “caça aos leões”. Você procurou sempre as pessoas de destaque para a sua geração: Roosevelt, o Imperador, Hindenburg, Briand, Foch, Joffre, Georg Bernard Shaw...

– É parte do meu trabalho.

– Mas é também sua preferência. O grande homem é um símbolo. A sua busca é a busca do seu coração. Você está procurando o grande homem para tomar o lugar do seu pai. É parte do seu “complexo do pai”.

Neguei veementemente a afirmação de Freud. No entanto, refletindo sobre isso, parece-me que pode haver uma verdade, ainda não suspeitada por mim, em sua sugestão casual. Pode ser o mesmo impulso que me levou a ele.

– Gostaria, observei após um momento, de poder ficar aqui o bastante para vislumbrar o meu coração através dos seus olhos. Talvez, como a Medusa, eu morresse de pavor ao ver minha própria imagem! Entretanto, receio ser muito informando sobre a psicanálise. Eu freqüentemente anteciparia, ou tentaria antecipar suas intenções.

– A inteligência num paciente não é um empecilho. Pelo contrário, às vezes facilita o trabalho.

Neste ponto o mestre da psicanálise diverge de muitos dos seus seguidores, que não gostam de excessiva segurança do paciente sob o seu escrutínio.

– POR VEZES IMAGINO SE NÃO  
SERÍAMOS MAIS FELIZES SE  
SOUBÉSSEMOS MENOS DOS PRO-  
CESSOS QUE DÃO FORMA A NOS-  
SOS PENSAMENTOS E EMOÇÕES.  
A PSICANÁLISE ROUBA A VIDA  
DO SEU ÚLTIMO ENCANTO, AO  
RELACIONAR CADA SENTIMENTO  
AO SEU ORIGINAL GRUPO DE  
COMPLEXOS. NÃO NOS TORNA-  
MOS MAIS ALEGRES DESCOBRIN-  
DO QUE NÓS TODOS ABRIGAMOS  
O CRIMINOSO E O ANIMAL.

– Que objeção pode haver contra os animais? Eu prefiro a companhia dos animais à companhia humana.

– Por quê?

– Porque são tão mais simples. Não sofrem de uma personalidade dividida, da desintegração do ego, que resulta da tentativa do homem de adaptar-se a padrões de civilização demasiado elevados para o seu mecanismo intelectual e psíquico.

O selvagem, como o animal, é cruel, mas não tem a maldade do homem civilizado. A maldade é a vingança do homem contra a sociedade, pelas restrições que ela impõe. As mais desagradáveis características do homem são geradas por esse ajustamento precário a uma civilização complicada. É o resultado do conflito entre nossos instintos e nossa cultura.

Muito mais desagradáveis são as emoções simples e diretas de um cão, ao balançar a cauda, ou ao latir expressando seu desprazer. As emoções do cão (acrescentou Freud pensativamente) lembram-nos os heróis da Antigüidade. Talvez seja essa a razão por que inconscientemente damos aos nossos cães nomes de heróis com Aquiles e Heitor.

– Meu cachorro, disse eu, é um doberman Pinscher chamado Ajax.

Freud sorriu.

– Fico contente de que não possa ler. Ele certamente seria um membro menos querido da casa, se pudesse latir sua opinião sobre os traumas psíquicos e o complexo de Édipo!

– Mesmo o senhor, Professor, sonha a existência complexa demais. No entanto, parece-me que o senhor seja em parte responsável pelas complexidades da civilização moderna. Antes que o senhor inventasse a psicanálise, não sabíamos que nossa personalidade é dominada por uma hoste beligerante de complexos muito questionáveis. A psicanálise torna a vida um quebra-cabeças complicado.

– De maneira alguma. A psicanálise torna a vida mais simples. Adquirimos uma nova síntese depois da análise. A psicanálise reordena um emaranhado de impulsos dispersos, procura enrolá-los em torno do seu carretel. Ou, modificando a metáfora, ela fornece o fio

que conduz a pessoa fora do labirinto do seu inconsciente.

– Ao menos na superfície, porém, a vida humana nunca foi mais complexa. A cada dia alguma nova idéia proposta pelo senhor ou por seus discípulos torna o problema da condução humana mais intrigante e mais contraditório.

– A psicanálise pelo menos, jamais fecha a porta a uma nova verdade.

– Alguns dos seus discípulos, mais ortodoxos do que o senhor, se apegam a cada pronunciamento que sai da sua boca.

– A vida muda. A psicanálise também muda. Estamos apenas no começo de uma nova ciência.

– A estrutura científica que o senhor ergueu me parece ser muito elaborada. Seus fundamentos – a teoria do “deslocamento”, da “sexualidade infantil”, do “simbolismo dos sonhos”, etc... – parecem permanentes.

– Eu repito, porém, que nós estamos apenas no início. Eu sou apenas um iniciador. Consegui desencavar monumentos soterrados nos substratos da mente. Mas ali onde eu descobri alguns templos, outros poderão descobrir continentes.

– O senhor ainda coloca a ênfase sobretudo no sexo?

– Respondo com as palavras do seu próprio poeta, Walt Whitman: “Mas tudo faltaria, se faltasse o sexo” (“Yet all were lacking, if sex were lacking”). Agora coloco ênfase quase igual naquilo que está “além” do prazer – a morte, a negociação da vida. Este desejo explica por que alguns homens amam a dor – como um passo para o aniquilamento! Explica por que os poetas agradecem a

*Whatever gods there be,*

*That no life lives forever*

*And even the weariest river*

*Winds somewhere safe to sea.*

(“Quaisquer deuses que existam/Que a vida nenhuma viva para sempre/Que os mortos jamais se levantem /e também o rio mais cansado/Deságüe tranqüilo no mar”).

– Shaw, como o senhor, não deseja viver para sempre, mas à diferença do senhor, ele considera o sexo desinteressante.

– Shaw, respondeu Freud sorrindo, não compreende o sexo. Ele não tem a mais remota concepção do amor. Não há um verdadeiro caso amoroso em nenhuma de suas peças. Ele faz brincadeira do amor de Júlio César – talvez a maior paixão da História. Deliberadamente, talvez maliciosamente, ele despe Cleópatra de toda grandeza, reduzindo-a a uma insignificante garota.

A razão para a estranha atitude de Shaw diante do amor, para a sua negação do móvel de todas as coisas humanas, que tira de suas peças o apelo universal, apesar do seu enorme alcance intelectual, é inerente à sua psicologia. Em um de seus prefácios, ele mesmo enfatiza o traço ascético do seu temperamento.

EU POSSO TER ERRADO EM MUITAS COISAS, MAS ESTOU CERTO DE QUE NÃO ERREI AO ENFATIZAR A IMPORTÂNCIA DO INSTINTO SEXUAL. POR SER TÃO FORTE, ELE SE CHOCA SEMPRE COM AS CONVENÇÕES E SALVAGUARDAS DA CIVILIZAÇÃO. A HUMANIDADE, EM UMA ESPÉCIE DE AUTODEFESA, PROCURA NEGAR SUA IMPORTÂNCIA.

Se você arranhar um russo, diz o provérbio, aparece o tártaro sob a pele. Analise qualquer emoção humana, não importa quão distante esteja da esfera da sexualidade e você certamente encontrará esse impulso primordial, ao qual a própria vida deve a perpetuação.

– O senhor, sem dúvidas, foi bem sucedido em transmitir esse ponto de vista aos escritores modernos. A psicanálise deu novas intensidades à literatura.

– Também recebeu muito da literatura e da filosofia. Nietzsche foi um dos primeiros psicanalistas. É surpreendente até que ponto a sua intuição prenuncia as novas descobertas. Ninguém se apercebeu mais profundamente dos motivos duais da conduta humana, da insistência do princípio do prazer em predominar indefinidamente. O se Zaratustra diz:

*“A dor  
grita: Vai!  
Mas o prazer quer eternidade  
Pura, profundamente eternidade”.*

A psicanálise, pode ser menos amplamente discutida na Áustria e na Alemanha do que nos Estados Unidos, a sua influência na literatura é imensa, porém. Thomas Mann e Hugo von Hofmannsthal muito devem a nós. Schnitzler percorre uma via que é, em larga medida, paralela ao meu próprio desenvolvimento. Ele expressa poeticamente o que eu tento comunicar cientificamente. Mas o Dr. Schnitzler não é apenas um poeta, é também um cientista.

– O senhor, repliquei, não é apenas um cientista, mas também um poeta. A literatura americana está impregnada da psicanálise. Hupert Hughes Harvrey O’Higgins e outros se fazem de seus intérpretes. É quase impossível abrir um novo romance sem encontrar referência à psicanálise. Entre os dramaturgos, Eugene O’Neill e Sydney Howard têm profunda dívida para com o senhor. A “*The Silver Cord*”, por exemplo, é simplesmente uma dramatização do complexo de Édipo.

– Eu sei, replicou Freud, e apresento o cumprimento que há nessa constatação. Mas tenho receio da minha popularidade nos Estados Unidos. O interesse americano pela psicanálise não se aprofunda. A popularização leva à aceitação superficial sem estudo sério. As pessoas apenas repetem as frases que aprendem no teatro ou na imprensa. Pensam compreender algo da psicanálise porque brincam com seu jargão! Eu prefiro a ocupação intensa com a psicanálise, tal como ocorre nos centros europeus.

A América foi o primeiro país a reconhecer-me oficialmente. A *Clark University* concedeu-me um diploma honorário quando eu ainda era ignorado na Europa. Entretanto, a América fez poucas contribuições originais à psicanálise. Os americanos são julgadores inteligentes, raramente pensadores criativos. Os médicos nos Estados Unidos e ocasionalmente também na Europa, procuram monopolizar para si a psicanálise. Mas seria um perigo para a psicanálise dei-



xá-la exclusivamente nas mãos dos médicos, pois uma formação estritamente médica é, com freqüência, um empecilho para o psicanalista. É sempre um empecilho, quando certas concepções científicas tradicionais ficam arraigadas no cérebro estudioso.

Freud tem que dizer a verdade a qualquer preço! Ele não pode obrigar a si mesmo a agradar a América, onde está a maioria de seus admiradores.

Apesar da sua intransigente integridade, Freud é a urbanidade em pessoa. Ele ouve pacientemente cada intervenção, não procurando jamais intimidar o entrevistador. Raro é o visitante que deixa sua presença sem algum presente, algum sinal de hospitalidade!

Havia escurecido.

Era tempo de eu tomar o trem de volta à cidade que uma vez abrigara o esplendor imperial dos Habsburgos.

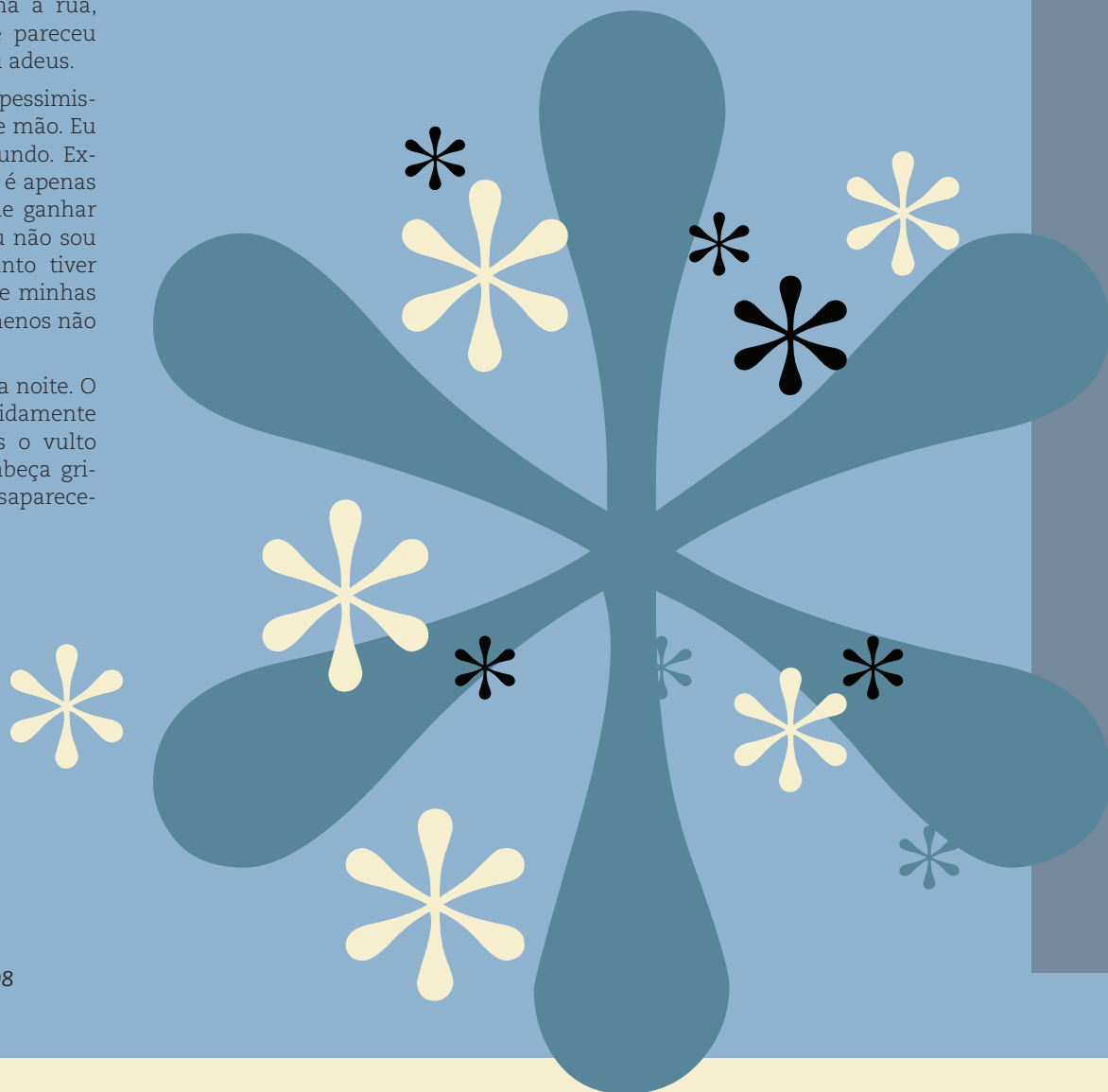
Acompanhado da esposa e da filha, Freud desceu os degraus que levavam do seu refúgio na montanha à rua, para me ver partir. Ele me pareceu cansado e triste, ao dar o seu adeus.

– Não me faça parecer um pessimista, disse ele após o aperto de mão. Eu não tenho desprezo pelo mundo. Expressar desdém pelo mundo é apenas outra forma de cortejá-lo, de ganhar audiência e aplauso. Não, eu não sou um pessimista, não, enquanto tiver meus filhos, minha mulher e minhas flores! Não sou infeliz – ao menos não mais infeliz que os outros.

O apito de meu trem soou na noite. O automóvel me conduzia rapidamente para a estação. Aos poucos o vulto ligeiramente curvado e a cabeça grisalha de Sigmund Freud desapareceram na distância.

Tradução: Paulo César Souza

Revista IDE, v. 15, p.54-58, 1998



## A entrevista

**David Coimbra**

*Zero Hora,  
25 de setembro de 2009*

Veja em quando, releio certo naco de um livro que descansa na estante bem às minhas costas, ao alcance do braço esticado. O livro é *A Arte da Entrevista*. O texto, bem, é uma entrevista. Com Freud, feita por um jornalista americano, George Viereck. Os dois caminham em meio a um jardim, admirando as flores, conversando. Passa-se em 1930. Aos 74 anos, Freud era torturado por um câncer na boca e usava uma prótese no maxilar.

Nove anos depois, num 23 de setembro como o que há pouco se foi, morreu. A seu pedido, por meio de uma eutanásia piedosa. Mas em 1930 Freud ainda produzia com vigor. Escreveu um de seus melhores livros, *O Mal-Estar na Civilização*, genial pelo conteúdo e pelo estilo. E, na entrevista, concebeu reflexões de uma sabedoria singela e comovedora da qual só é capaz um homem no rumo do fim. Algumas frases são diamantes: “Não permito que nenhuma reflexão filosófica me tire a alegria das coisas simples da vida.”

Quando o repórter toca o tema da decrepitude inevitável, Freud faz um comentário resignado, mas suave, quase doce: “Não me revolto contra a ordem universal, afinal, vivi mais de 70 anos. Tive o que comer. Desfrutei de muitas coisas – do companheirismo da minha esposa, dos meus filhos, do pôr do sol. Eu vi as plantas crescerem na primavera. Algumas vezes recebi

um aperto de mão amigo. Uma ou duas vezes encontrei um ser humano que quase me entendeu. O que mais eu posso querer?”

Finalmente, o repórter tece uma observação que irrita Freud: – Sempre me pareceu que a psicanálise desperta em todos aqueles que a praticam o espírito da caridade cristã. Não há nada na vida humana que a psicanálise não nos permita entender. E tudo compreendido é tudo perdoado. Freud, segundo o repórter, enfureceu-se: – Pelo contrário. Entender não é perdoar.

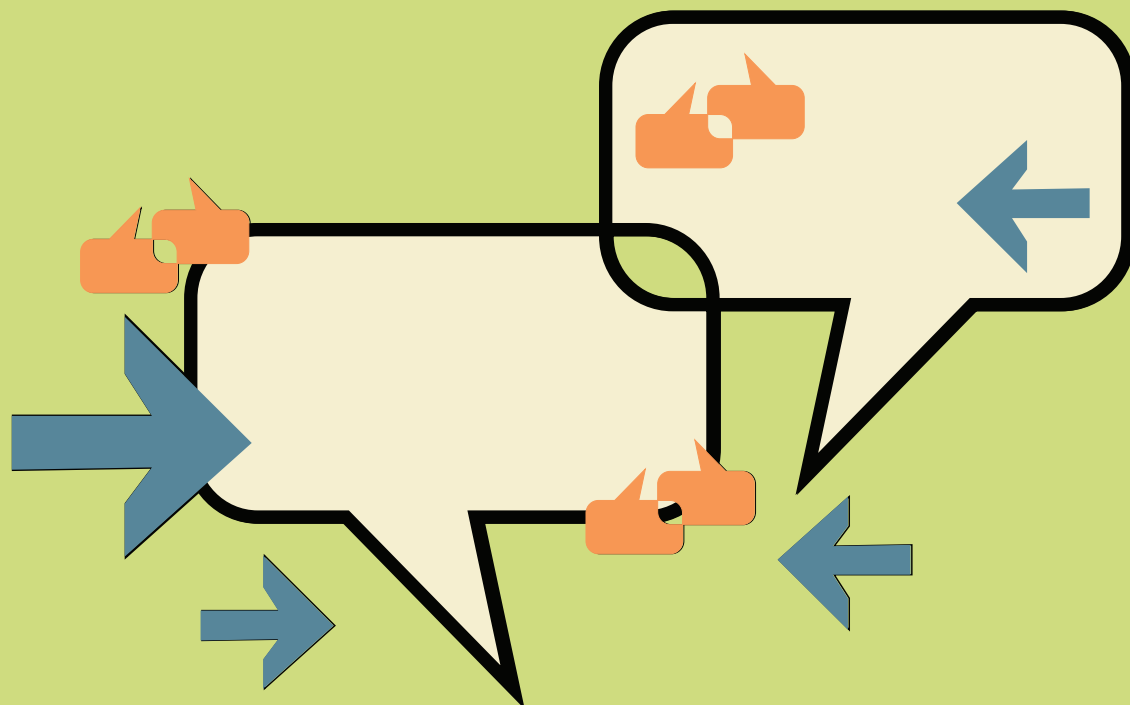
A psicanálise não apenas nos ensina o que temos de suportar, também ensina o que temos de evitar. Nos diz o que deve ser eliminado. A tolerância do mal não é, de maneira nenhuma, uma consequência do conhecimento. Entender não é perdoar. Irretocável. Mas Freud se irritou precisamente por saber que a psicanálise estava conduzindo a humanidade na direção oposta, como talvez Cristo se irritasse ao ver no que se transformou o cristianismo.

Depois da II Guerra, a compreensão se confundiu com a leniência. Sobretudo no Brasil, qualquer repressão era antidemocrática, qualquer punição era cruel. Hoje, a sociedade movimenta-se

para o outro lado. Nesta semana, junto ao registro do aniversário de 70 anos da morte de Freud, os jornais mostraram a comunidade exultante por duas razões: com a punição aplicada ao menino que pichou sua escola, e com as crianças obrigadas a cantar o Hino Nacional.

Uma notícia se relaciona com a outra. A intenção óbvia da lei que obriga a execução do Hino é despertar nas crianças o chamado “amor à pátria”. Que, em tese, é bom sentimento: quem ama sua pátria a preserva e não faz como o garoto pichador, não vandaliza o patrimônio público. Mas e a pátria dos outros? E a escola dos outros? Pode ser depredada? Pela lógica do patriotismo, isso é irrelevante – relevante é a pátria.

Freud, um judeu-austríaco que durante a maior parte da vida se considerou alemão, sofreu com esse tipo de sentimento mais do que com o câncer na boca. Talvez por isso, em vez do amor à pátria, preferisse o amor às pessoas. Um amor que sempre entende, como pretende a psicanálise, e às vezes perdoa, como prega o cristianismo. E que, como uma e outro, reprime, se tiver de reprimir.



## Sérgio Dornelles Messias

### O que o levou a ser psicanalista?

Essa é uma pergunta complexa. Penso que sem fazer mitologia será muito difícil respondê-la.

Como primeiro mitema porque não considerar ordens de meu genoma? Segundo: permaneci mais tempo que o previsto no corpo de minha mãe, grande metáfora do mundo interno; essa verdade me fazia chorar de emoção, mais tarde, ao ler Klein. De terceiro incluo de improviso meu pediatra, Dr. Helio (nome solar) que me atendia em casa num estilo atencioso e calmante interpretando clinicamente meus pesadelos febris. Penso em meu pai, quarto, que falava de Freud com muita admiração e consultava entre muitos livros suas Obras Completas. Quinto: minha infância na fazenda de meu avô, curiosidades sexuais; ficava por horas a fio observando as manifestações da vida rude, em que o comportamento entre machos e fêmeas ocupava o primeiro plano. Sexto mitema: penso em uma época, por volta dos quinze ou dezesseis anos, em que passei a freqüentar a casa de um psicanalista e compositor nosso, de Porto Alegre, Paulo Guedes, de quem me tornei grande admirador. Sétimo: penso em minha tia, Emilia Messias, também psicanalista, com quem trocava muitas idéias no tempo que



antecedeu minha entrada em análise didática. Ainda: depoimento de meu pai a um periódico de Porto Alegre há mais de trinta anos atrás; “o rapaz (eu, no caso) é formado em medicina, psiquiatra freudiano ortodoxo que acha que a Psicanálise é ciência mais exata que a Matemática. Tem razão para ele. Para mim não”. Encerro aqui minha mitologia.

### Poderia comentar brevemente acerca de sua formação psicanalítica?

Brevemente é impossível. Mas posso dizer que os primeiros anos estão entre os melhores e mais bem vividos anos de que posso lembrar: dos estudos, dos seminários, dos colegas, das descobertas que pareciam luminosas. Época de escola, leve e divertida.

Confesso que, mais tarde, as supervisões já me pesavam um pouco... muito para escrever, descrever o indescritível era pesado para mim (alguns o fazem com facilidade)... entre uma e outra supervisão fiz anos de descanso, um grande intervalo, pois não tinha a pressa desabalada que caracteriza o mundo de hoje e que contamina um estilo de-formação. Por esse tempo já intervieram questiúnculas políticas desagradáveis na Casa, que me pareciam lutas por beleza, hoje acredito que eram lutas pelo mando dentro da Instituição. Que fazer? Vive-se sem isso? Estaria eu então pelo meu oitavo ano de análise? Daí em diante os grandes dissentiram e foram desabaladamente tramando o futuro. Estive em análise por mais cinco anos. Sustentou-me. Por ela, e depois, por alguns de meus trabalhos heróicos, brilhei em casa... não o bastante para resistir ao clímax (embora já soubesse quase tudo sobre clímax); assustou-me; o clima político piorou e perdi o espaço...

Acho que me introduzi na pergunta seguinte! Não esperava poder dizer isso com brevidade.

### O que o motivou a pertencer à fundação de uma nova Sociedade em Porto Alegre?

Isso aí, e mais os amigos que tinha no novo grupo.

### Acredita que a Psicanálise passe por uma crise ou que a crise é dos psicanalistas?

É da psicanálise, dos psicanalistas e do mundo todo! Não é isso? Além disso a psicanálise não “passa” por uma crise... ela é crise; a psicanálise é uma ciência crítica ou “crísica” como quiserem.

Ela sempre esteve suportando as mazelas de seus pais e filhos e netos, brigas internas que são andaimes de sua história.

A crise da psicanálise hoje não é tão incontornável quanto a do aquecimento do mundo global ou a do crédito no seu sentido mais amplo. Mas confunde-se com a do mundo por ter assumido a mesma posição dos atuais fetiches de consumo. A Psicanálise transformou-se em produto. Acompanhando necessidades de mercado ela hoje é divulgada da mesma forma que o bom-bril, o creme dental, o celular, a prestadora de serviços, ou a droga farmacêutica. A (boa?) idéia é sempre de atrair a população ou comunidade, como a chamam,



para o consumo do produto (divulgação berrante). Incluiria esse tipo de envelopagem do objeto como produto de consumo, um dos problemas éticos que atravessamos. Surgirão formas mais elegantes de abordar esse recorte da crise? Transformar-se-a a Psicanálise em um produto passível de propaganda e comércio? Já o é? Haverá como escapar dessa pressão fetichista do consumo? Existe também na crise um componente estético representado pelo vazio na criação: carecemos de novos criadores, que possam fazer novas sínteses do saber psicanalítico em consonância com tempos atuais. Lembro que em mil novecentos e oitenta e um morreu Jacques Lacan que a meu entender foi o último grande criador, nesse tempo o meio analítico reeditava um espírito de caça e ele nem sequer foi aceito. Hoje se esparrama (corpo fragmentado) por um grande número de escritos de pretensa autenticidade, e nem sequer é citado. Às vezes me pergunto se não residiria nisso a origem de um mal que nos acomete? Falta de reconhecimento. E por aí chegamos na quinta pergunta:

**Como identifica a clínica na atualidade? Ela comporta uma terceira tópica que a sustente, como acreditam**

**Piera Aulagnier, Bernard Brusset, André Green, entre outros?**

O tema da terceira tópica é importante, complexo, e intrigante. Vários trabalhos da revista 41 da Associação Brasileira de Psicanálise desvelam inúmeras facetas do tema e recomendo a todos que leiam Ana Maria Andrade de Azevedo. Falei há pouco na crise do mundo; posso ser chamado de apocalíptico, mas não vejo, para ela, soluções à vista; há quem veja. Esse mundo das transformações velozes é um mundo “atopos”, quer dizer, um mundo sem lugares, um grande-não-lugar. Patologias do vazio, dizemos; funcionamento “em exterioridade” fala Brusset; são meramente as palavras que falam de um grande não-lugar-nosso-mundo-atual-futuro. O neologismo é necessário assim como uma nova tópica psicanalítica, tecnicamente eficiente, deveria necessariamente trazer consigo a capacidade de parar o mundo. E quem seria capaz de produzi-la? Um demiurgo. Um grande maestro. O mundo, de alguma forma resolveu o seu problema de atopia usando a palavra inclusão. Hoje se fala em legalizar a droga, drogados e traficantes, entenderam? Inclusões, poderíamos realizá-las tantas quantas necessárias. Alguns de nós pensam que a psicanálise só poderia incluir neuróti-

cos, outros já pensam em anoréxicas, drogadictos, autistas, esquizofrênicos, paranóicos, etc. Isso implica, além de um trabalho humanístico ou humanitário, médico ou psicológico, um lance de ampliação de mercado e, porque não dizer, um árduo trabalho de engenharia psicanalítica.

**O que o motivou a estudar com profundidade o pensamento de Jacques Lacan?**

Não cheguei a profundidades, sou um principiante em Lacan e não me considero lacaniano. Comecei a lê-lo de maneira bastante crítica, abandonando-o por vezes em absoluto desacordo, guiado por um modelo em que apreendi a pensar psicanálise. Hoje, depois de muito estudá-lo, tenho grande admiração por seu pensamento, por sua filosofia do sujeito desejante e especialmente por sua capacidade de reformular seus ricos e vários discursos em tentativas de apreensão do real. Poderíamos pedir-lhe ajuda para o magnífico trabalho que lhes aponte acima. Tem soluções notáveis. Acho até que o temos “pirateado” em demasia. Que tal inclui-lo? Tem a minha recomendação. É dono de muitas tópicas lógicas-lúdico-geométricas. Exercitam um novo pensar.

**Alguma recomendação aos analistas em formação?**

Que tenham amor à Psicanálise.

# A pessoa do analista na clínica contemporânea

## DIA 20/11 SEXTA-FEIRA

8h30 - 11h | TEMAS LIVRES

11h - 12h30 | MESAS REDONDAS

### “O analista revelado: a contratransferência e a individualidade do analista”

Auditório Itapema

Dra. Ana Paula Terra Machado  
Dr. Sérgio Dornelles Messias  
Dra. Eliane Grass Ferreira Nogueira  
Dr. Fernando Linei Kunzler  
Coordenador: Paulo Picarelli Ferreira

### “O espaço compartilhado na relação analista- paciente”

Sala Cambará

Dr. Roberto Graña  
Dra. Ana Rosa Chait Trachtenberg  
Dr. Newton Aronis  
Dr. Celso Gutfreind  
Coordenador: Ane Marlise Port Rodrigues

### “A interferência da subjetividade do analista”

Sala Paineira

Dr. Ignácio Alves Paim Filho  
Dr. Marco Aurélio Rosa  
Dra. Silvia Brandão Skowronsky  
Dr. José Luiz Freda Petrucci  
Coordenador: Maria Tereza Corrêa Borba

12h30 - 13h45 | Intervalo para almoço

14h - 15h45 | Apresentação do seriado: “EM TERAPIA”

Auditório Itapema

Debatedores: Dr. Júlio Roesch de Campos  
Dr. Lores Pedro Meller  
Dr. Gildo Katz  
Coordenadores: Dra. Claudia Kowarick Halperin e Dra. Caroline Milman

16h - 17h30 | SUPERVISÃO COLETIVA  
com Dr Vincenzo Bonaminio

Coordenador: Dra Luciana Saraiva Schmal

16h30 - 18h30 | PAINEL (Atividade aberta à comunidade)

### “A criação do vínculo professor-aluno: diálogos com a psicanálise”

Sala Cambará

Dra. Laura Ward da Rosa  
Dra. Cynara Cezar Kopittke  
Prof. Neusa Hickel (UniRitter)  
Coordenador: Dr. José Ricardo Pinto de Abreu

17h45 - 19h | PAINEL (Atividade de Lançamento da Revista Psicanálise, Vol.XI, n.2, 2009)

### “A Clínica Psicanalítica na Contemporaneidade: tornar o consciente, inconsciente”

Auditório Itapema

Dr. Leopoldo Nosek (SBPSP)  
Dr. Gley Pacheco Costa  
Coordenador: Dra Heloisa Helena Poester Fetter

19h30 - 20h | ABERTURA OFICIAL

Auditório Itapema

Dr. Lores Pedro Meller  
Dr. Celso Halperin

20h - 21h30 | CONFERÊNCIA INAUGURAL

### “A Pessoa do Analista como conceito central da psicanálise contemporânea”

Sala Cambará

Dr. Vincenzo Bonaminio  
Coordenador: Dr Celso Halperin

## DIA 21/11 - SÁBADO

9h - 10h30 | COLÓQUIO

### “A Criação do Vínculo Analítico”

Auditório Itapema

Dr. Leopoldo Nosek (SBPSP)  
Dr. Renato Trachtenberg  
Dr. Vincenzo Bonaminio  
Coordenador: Dr. Leonardo A. Francischelli

10h45 - 12h30 | PENSAMENTO CLÍNICO  
DO DR. BONAMINIO

### Apresentação de Caso: adolescente analisado por Dr. Vincenzo Bonaminio

Auditório Itapema

Coordenador: Dra Vera Homrich Pereira de Mello

12h30 - 13h45 | Intervalo para almoço

14h - 15h30 | DIÁLOGOS COM DR. BONAMÍNIO

Auditório Itapema

Coordenador: Dra Astrid Muller Ribeiro

15:45- 17:30 h | CONFERÊNCIA FINAL

### “A Instalação da Psique no Corpo”

Auditório Itapema

Dr. Vincenzo Bonaminio  
Coordenador: Dr Lores Pedro Meller

17h30 - 17h45 | ENCERRAMENTO

Auditório Itapema

Dr. Lores Pedro Meller  
Dr Celso Halperin  
Dra Astrid M. Ribeiro  
Dra. Luciana Saraiva Schmal

INSCREVA-SE JÁ!

FONE: (51) 3330.3845 | WWW.SBPDEPA.ORG.BR